

# Reportagem Especial

VIOLÊNCIA NOS BAIRROS

## Troncos e quebra-molas nas ruas para barrar polícia

Traficantes fazem barricadas com galhos, latões de lixo e madeira com pregos para impedir a entrada da polícia nos bairros

Isaac Ribeiro

Para impedir a entrada das polícias Militar e Civil nos bairros onde comandam a venda de drogas, traficantes constroem barreiras nas ruas.

Latões de lixo, galhos de árvores e madeiras com pregos para furar pneus de radiopatrulha têm se transformado em artifícios para atrapalhar as ações policiais.

Em Planalto Serrano, na Serra, bandidos construíram quebra-molas na avenida Baixo Guandu e rua São Geraldo.

Os redutores de velocidade foram instalados há mais de dois anos nas duas vias por bandidos que integravam a quadrilha de Ronaldo Moreira da Cruz, o Ronaldo Zoião, 28 anos, que morreu em agosto do ano passado.

O traficante era acusado pela polícia de comandar o tráfico de drogas em Planalto Serrano e em outros seis bairros da Serra. Ele já havia sido preso 13 vezes.

“Zoião comprou areia, brita e cimento. Os funcionários dele no crime demoraram três dias para construir os quebra-molas. Esses quebra-molas precisam ser retirados porque são irregulares, impedem a polícia de chegar rápido, mas também porque foram mal feitos e destroem nossos carros”, relatou um morador, que pediu para não ter o nome divulgado por medo de sofrer represálias.

Em São Pedro, Vitória, moradores relataram que traficantes fecham com latões de lixo as ruas que dão acesso às bocas de fumo.

“Quando a polícia apreende muita droga, os bandidos fecham tudo para impedir a radiopatrulha de entrar”, disse uma moradora.

Nos bairros Nova Rosa da Penha, Flexal e Aparecida, em Cariacica, traficantes constroem barricadas com galhos de árvores ao saberem da chegada de policiais.

Em Vila Velha, em Santa Rita, Primeiro de Maio e na região da Grande Terra Vermelha, há casos de bandidos que atiram nas radiopatrulhas ao verem o cerco.

“Quando a polícia apreende droga, os bandidos fecham tudo para impedir a radiopatrulha de entrar”

Moradora de São Pedro, em Vitória

### As estratégias Fio vira armadilha para derrubar PMs em motos

FOTO: RODRIGO GAVINI - REPRODUÇÃO TV TRIBUNA (IMAGEM MENOR)



**Redutor**  
Quebra-molas irregulares prejudicam a passagem de carros em alta velocidade em alguns bairros. A polícia diz que sabe das intervenções.



**Pregos**  
Para furar os pneus de radiopatrulhas, bandidos colocam madeiras com pregos na entrada das ruas onde há bocas de fumo.



#### Latas de lixo na rua

Quando percebem que policiais estão se aproximando, bandidos fecham a rua com latas de lixo e entulhos.



#### Fios de telefone

Para derrubar policiais que trabalham em motos, bandidos amarram uma corda entre dois pontos (árvores) em uma rua.

### Pregos para furar pneus

Ao apurar uma denúncia anônima em Cidade Pomar, na Serra, e prender uma gangue, investigadores da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten) descobriram que bandidos colocaram pregos na frente do pneus da radiopatrulha para impedir que eles saíssem.

“Os bandidos não têm capacidade para confrontar a polícia e por isso procuram fazer arruaça e sabotagem em nossas operações”, disse delegado Diego Yamashita.

Ele relatou que a denúncia era de que havia uma boca de fumo em uma casa. No imóvel, três pessoas foram presas: duas diaristas de 42 e 28 anos, um motoboy, 27.

Dois dos acusados, que são de Linhares, disseram à polícia que estavam passando férias na Serra.

Os policiais encontraram um revólver calibre 38 e uma pistola 9 milímetros escondidos dentro de uma caixa de sapatos do motoboy. Também foi apreendido no local meio quilo de maconha, R\$ 696 e uma balança de precisão.

Enquanto a polícia fazia o flagrante, bandidos colocaram pregos na frente do carro da polícia. “Mesmo com a radiopatrulha descaracterizada, os traficantes reconheceram que se tratavam de policiais. Mas os investigadores perceberam e evitaram que os pneus furassem”, disse o delegado.



DROGAS E ARMAS apreendidas

### Prefeitura diz que fiscaliza se for feita reivindicação

O diretor do Departamento de Engenharia de Trânsito da Serra, Carlos Alfredo Vasques, disse que a polícia ou a associação de moradores do bairro tem de solicitar ao órgão a fiscalização dos quebra-molas em Planalto Serrano para que eles sejam retirados.

“De fato, naquela região existem quebra-molas irregulares, mas a polícia ou a associação de moradores tem de solicitar oficialmente a retirada deles”, disse.

Na rua São Geraldo e na avenida Baixo Guandu, os quebra-molas são irregulares. Eles chegam a alcançar 15 centímetros de altura e a distância entre um e outro é de menos de 80 metros, conforme apurou A Tribuna.

O Conselho Nacional de Trânsito (Contram) regulamenta que a distância mínima entre dois quebra-molas seja de 150 metros quando instalados em via urbana e de 100 metros nas rodovias.

Carlos Alfredo explicou que há dois tipos de redutores de velocidade. O tipo 1 deve ser construído onde não há circulação de ônibus. O quebra-molas tem de ter 1,5 metro de comprimento e 8 centímetros de altura.

Já o tipo 2, que deve ser construído onde passa ônibus, tem de ter 3,70 metros de comprimento e 10 centímetros de altura.

“De fato existem quebra-molas irregulares. A polícia ou a associação de moradores tem de solicitar a retirada”

Carlos Alfredo Vasques

FÁBIO NUNES - 25/03/2011



O DELEGADO DIEGO YAMASHITA diz que recebe 50 denúncias por semana pelo telefone 181 contra traficantes

### Denúncia ao sair do bairro

Com medo de sofrer represálias dos traficantes, a maioria dos moradores não denuncia os bandidos, mas os que se arriscam saem do bairro para acionar os policiais.

O delegado Diego Yamashita, da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten), afirma que recebe por semana 50 denúncias pelo disque-denúncia (181) sobre tráfico.

“Há casos em que o morador sai do bairro e liga para o disque-denúncia do trabalho, de um telefone

público, com medo de ser observado por bandidos”, disse.

Morador há 30 anos de Jaburuna, Vila Velha, um aposentado disse que os traficantes que agem no bairro são menores de idade.

“Eles não ficam presos por muito tempo. Quando saem da cadeia, voltam com raiva. E se desconfiarem que eu falei?”, questionou.

Um artesão de Santo Antônio, Vitória, vive ao lado de boca de fumo: “É melhor não falar muito”.

## Reportagem Especial

## VIOLÊNCIA NOS BAIRROS

## Toque de recolher após as 21 horas

Se por um lado os bandidos tentam impedir que policiais entrem nos bairros, por outro eles aterrorizam a vida dos moradores para se impor e conseguir controlar o crime na região.

Moradores de São Torquato, em Vila Velha, vivem dias de tensão depois que um traficante determinou que eles não devem sair de casa após as 21 horas.

Por causa do toque de recolher, os moradores alegam que deixaram de frequentar casa de amigos, parentes e de ficar até tarde nos bares da região. Alguns deixam, inclusive, de frequentar a igreja.

Um pastor, que pediu para não ter seu nome nem o da igreja onde atua divulgados, confirmou que a ordem do traficante deixa os moradores assustados.

“Aqui na minha igreja e nas demais os cultos têm ficado cada vez mais vazios. Com medo, poucos fiéis comparecem. Ninguém sai de casa com a possibilidade de levar um tiro”, comentou o pastor.

A ordem que impede os moradores de sair às ruas foi dada há uma semana, quando o acusado de chefiar o tráfico no bairro deixou mais de 1.200 alunos sem aula.

Ele fez ameaças por telefone e disse que o “sangue ia rolar pelas ruas” se não fosse obedecido. O bandido e os comparsas telefona-

ram para as escolas na noite de 6 de abril. “Ele anunciou no morro que está querendo matar várias pessoas. À noite, algumas igrejas fecharam. Ele passou de moto gritando que era para todo ir para casa”, disse uma dona de casa.

Ela tem dois filhos, de 9 e 12 anos, e afirmou que os meninos têm medo de ficar sozinhos. Com pavor da violência, quando ela precisa sair, leva as crianças junto. “Quando eles não estão comigo, eu fico preocupada”, relatou.

Em Planalto Serrano, na Serra, motoqueiros chegaram a ser impedidos de circular pelas ruas usando capacete. Os moradores disseram que a ordem deve ser obedecida em regiões onde bocas de fumos estão instaladas.

Em São Benedito, Vitória, uma aposentada denunciou que bandidos impediam que moradores usassem celular no meio da rua. “Eu me mudei de lá porque eles vigiavam a gente no orelhão”, disse.

“Os cultos estão cada vez mais vazios. Ninguém sai de casa com a possibilidade de levar tiro”

Pastor que atua em São Torquato



TRONCOS de árvore colocados no meio da rua durante toque de recolher

## Barreira com árvore na rua

Um dia depois da morte do traficante Ronaldo Moreira da Cruz, o Ronaldo Zoião, em agosto do ano passado, comparsas dele decretaram toque de recolher e colocaram troncos de árvores nas ruas para impedir que a polícia entrasse em Planalto Serrano.

O titular da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) da Serra, delegado Josafá da Silva, relembrou o caso e destacou ainda que foi informado também dos redutores de velocidade construídos na avenida Baixo Guandu e rua São Geraldo, em Planalto Serrano.

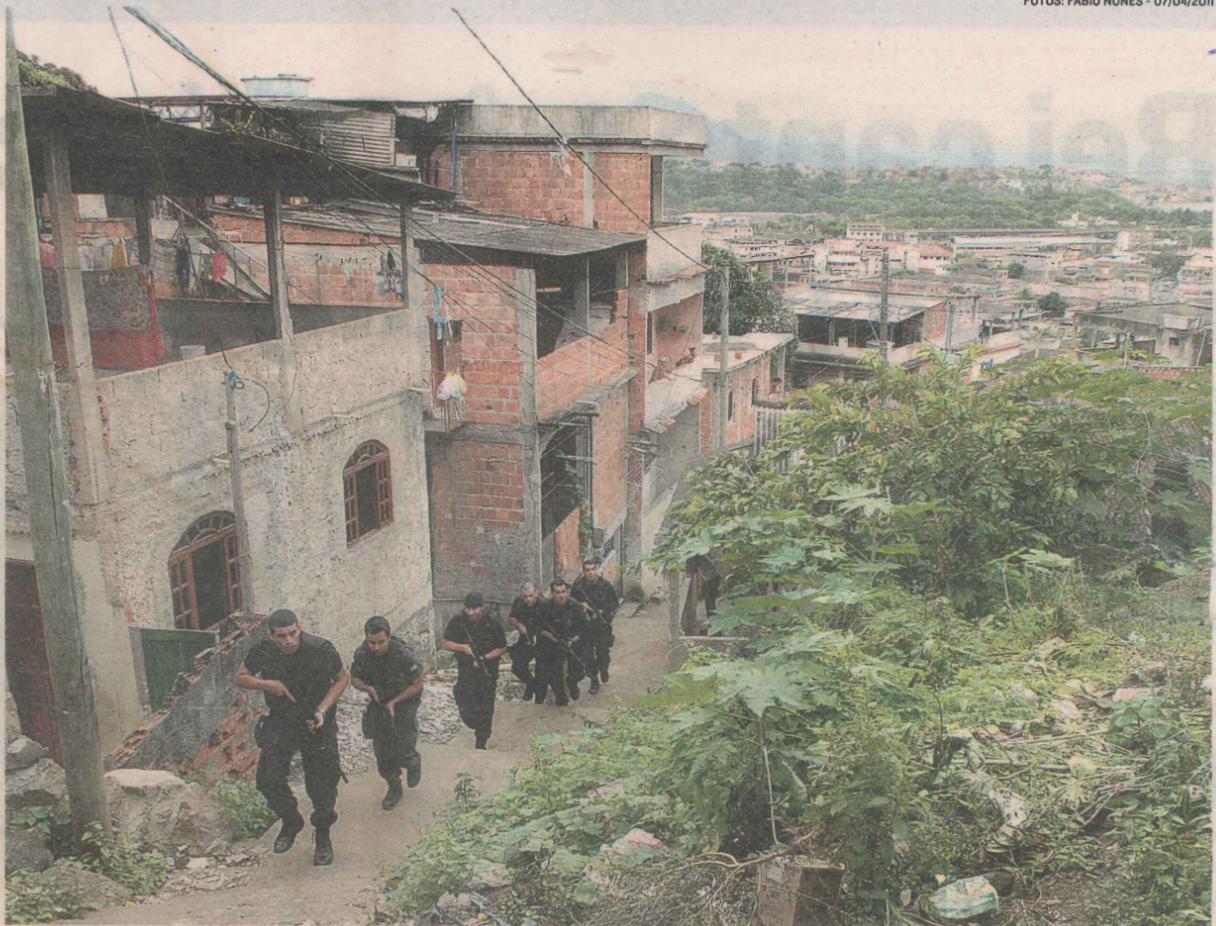
Foi ele quem explicou que há cerca de dois anos Ronaldo Zoião mandou construir os quebra-molas para impedir que investigadores realizassem ações no bairro.

“Eles fizeram isso para nos atra-

palhar porque éramos nós quem mais fazíamos operações naquela região. Hoje, todos os parentes do Zoião que tinham envolvimento com o tráfico de drogas estão presos”, disse o delegado.

Josafá informou que quando descobriu sobre os quebra-molas, solicitou à prefeitura a retirada dos redutores de velocidade.

No entanto, o diretor do Departamento de Engenharia de Trânsito da Serra, Carlos Alfredo Vasques, disse que não há nenhum pedido de fiscalização sobre isso. O delegado Diego Yamashita, da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten), disse que investiga as denúncias de toque de recolher e de leis impostas por traficantes. Ele orientou os moradores a ligar para o disque-denúncia (181).



POLICIAIS sobem morro na região de São Torquato à procura de corpo e para reforçar patrulhamento na região

## “Tiroteio todo dia”, diz moradora

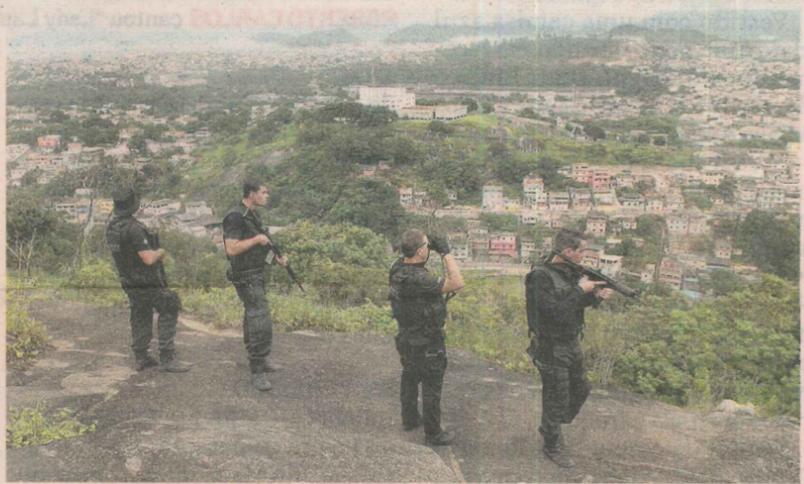
“Viver nessa região é um tormento. Aqui tem tiroteio todo dia. Tenho medo de deixar a minha filha sair de casa a qualquer hora do dia. Os bandidos brigam e quem fica ferido é gente inocente”.

O desabafo é de uma moradora da rua Rosental de Oliveira, no bairro Primeiro de Maio, em Vila Velha. Por telefone, ela conversou com a reportagem de A Tribuna e pediu para não ter o nome e nem idade revelados por medo de sofrer represália dos traficantes.

“A maioria desses bandidos nasceu aqui no bairro. Eles não costumam ferir morador, mas ameaçam quando acham que podem ser denunciados (delatados). Meu medo é que, durante a guerra deles, não pensem na direção para onde estão atirando”, comentou.

O delegado José Lopes, titular da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Vila Velha, explicou que em Primeiro de Maio há três quadrilhas rivais que disputam o comando da maior quantidade de bocas de fumo.

Ele explicou ainda que os traficantes vivem em confronto com bandidos que moram em Santa Rita, bairro vizinho.



OPERAÇÃO POLICIAL EM MORRO: moradores ameaçados por bandidos

“Já sabemos quem é o maior responsável pelos tiroteios que ocorrem em Primeiro de Maio. Essas regiões onde há tráfico de droga foram mapeadas e os chefões foram identificados. Vamos prendê-los e desarticular as quadrilhas”.

O cabo da Polícia Militar Ricardo Ribeiro, lotado na 5ª Companhia (Ibes) do 6º Batalhão (Vila Velha), informou que após os fechamento dos bares da região, por

ordem de bandidos, as pessoas deixam de circular nas ruas.

Na tentativa de se aproximar da comunidade onde trabalha, o cabo disse que passa até o número de seu celular para os moradores.

“A maioria das pessoas de bem volta do trabalho e não sai mais de casa com medo de levar uma bala perdida. Trabalhamos muito na região, mas o tráfico aqui é intenso”, disse o militar.

## ANÁLISE

## “Estratégia dos traficantes para atrasar a entrada da polícia”

“Construir barricadas é uma estratégia dos traficantes para evitar ou atrasar a entrada da polícia nos bairros onde eles comercializam drogas e chefiam outros crimes.

Eles sabem que não têm condições de enfrentar a polícia e têm de frear a chegada dela para terem tempo de esconder armas, drogas e também de fugir.

Essas práticas ocorrem quando o Estado é omissivo. Assim, a bandidagem toma conta da comunidade e

faz a suposta substituição de poder com o assistencialismo. Tenho como exemplo o Morro do Alemão, no Rio de Janeiro, ocupado pela polícia.

Muita gente aprovou a chegada da polícia, mas algumas pessoas reclamaram da presença diária de policiais na comunidade.

Quem reprova é aquele que tem vínculo com o tráfico ou recebe ajuda financeira dos traficantes.

Vale lembrar que só existe a venda de drogas se existe quem compra. É

Marcos do Val é instrutor da Swat e presidente do Centro Avançado em Técnicas de Imobilização (Cati)



o consumidor quem faz o círculo girar. Acredito que essas pessoas precisam ser responsabilizadas de alguma forma. Talvez com penas mais duras as pessoas reflitam antes de comprar entorpecentes.

O Espírito Santo tem força policial e estrutura para ocupar a comunidade ou a região que julgar necessária. Também deve haver assistência com saúde, projetos sociais e de educação. O Estado tem que ocupar e permanecer no bairro”.